

PROGRAMMA
Zelar pelos interesses geraes do paiz
e promover a propaganda de todas
as suas regiões. sob o ponto de vista
industrial, comercial e do TURISMO

“Alma Nova” Revista Ilustrada

Comp. e imp. — Avenida Almirante Reis, 15-E, 15-F
José Soares & Irmão

DIRECTORES
A. Bustorff e Mateus Moreno

Dezembro — 1915

A PROPOSITO DO CONGRESSO ALGARVIO

A organização regional e o nosso parlamentarismo

Como manifestação de desvaliosa simpatia e um apagado eco do vosso Congresso, permiti-me que vos diga hoje o que ele para mim representa.

Como este humilde colaborador da *Alma Nova* ha por este país muitos individuos de boa vontade, mas sem meios de acção, de vista lúcida, mas sem talento, e que desconsoladamente assistem ao estrebuchar de paixões desencontradas, procurando descobrir no seu tumultuar um norte, desconfiados se serão agitações de resurgimento ou ancias de agonia que as fazem mover. Incontestavel é, para todos, que atravessamos um critico periodo de tristezas, incertezas e desorientação.

O que quere a nação—se ela quere alguma cousa— não o póde o observador imparcial descobrir, mas o que póde ver é a incompetencia manifestada desde largos anos para lhe darem o que ela precisa. Ainda que na verdade ela não manifeste o seu querer, é isso um mal, e preciso se torna despertar nela a vontade, cuja abulia é anormal nos individuos como nas colectividades. O que éla não quere sabem-no todos: não quere teorias, não quere discursos, porque sabe que das teorias lhe tem vindo muito mal e nenhum bem, porque vê que os discursos só tem favorecido, á sua custa, os que os proferem.

Não se discrimina de entre o palavrório atoador o que a nação deseja porque não falam os seus interesses: falam aspirações pessoais, ambições criadas artificialmente e mascaradas com o nome de *interesses politicos*.

Nem hoje nem nunca esses chamados interesses politicos coincidiram com os interesses nacionais, nunca a sua luta correspondeu á luta de interesses que se dá em todas as sociedades. Se quere ter voz,

como ainda ha pouco (para apresentar os ultimos exemplos) nas questões do Douro e das subsistencias, tem de ir de fóra da politica, as mais das vezes contra a politica.

E' incontestavel que os partidos politicos e o parlamentarismo tal como tem sido praticado entre nós trouxeram á sociedade portugueza prejuizos materiais e morais de toda a ordem. Os defeitos do sistema reconheceram-no desde logo os liberaes Garret e Herculano, e criticou admiravelmente Ramalho Ortigão nas *Farpas* e em *John Bull*,—essa criação artificial que posta á tona da sociedade portugueza é na verdade uma correcta sobrecasaca burgueza feita para as maneiras de um anglo-saxónio, a qual nós não conseguimos ainda ajustar á nossa medida.

Quem pretende vencer os vicios do sistema ou sucumbe e se afasta ou, qual Calisto Eloi, é pervertido por êle. Só ha para o modificar um meio: é criar interesses mais fortes do que esses, que os substitúam, que os batam, que os façam calar, e então teremos uma verdadeira «representação nacional», em vez de termos comédias nacionais postas em scena por empregários politicos, e as contendias parlamentares desenvolver-se-hão em volta dos interesses das regiões em vez de á roda dos interesses dos partidos. Para isto, porém, é preciso criar ou acordar esses interesses, congrega-los, traze-los á vida e á luta, e apontando-os contar á nação o apologo de Menénio Agripa, fazendo-lhe ver que prejudicá-los é prejudicar os interesses de todos.

E' este o nobre e importante papel que eu vejo aos congressos regionais.

1915-Setembro

GONÇALO DE OLIVARS.

SCIENCIA

A Carestia da Vida

UMA CONFERENCIA NOTAVEL

E' preciso que os governos enveredem pelo unico caminho que pode conduzir á salvacão do paiz: o fomento á agricultura bem como ao commercio.

O sr. Thomaz Cabreira, illustre financeiro que occupou com grande brilho a pasta das Finanças, foi entrevistado pelo *Seculo* a respeito da influencia dos cambios na carestia da vida e de quais as medidas a aplicar.

Um país que, para a sua alimentação precisa tanto do estrangeiro como o nosso, está á mercê de circumstancias, umas que influem sempre, outras que são peculiares ao nosso estado de cousas e que podem agravar indefinidamente uma situação que já não é nada lisongeira. Os cambios, que orçam de 30 a 45 %, influem de um modo implacavel na vida do país e da sua população. Cita, e muito bem, a chamada efusão do ágio, que se infiltra no preço de todas as cousas. Traz á comparação o que se passa nalguns paizes da America latina, onde a depreciação da nota de banco chega a 200 % e mais.

E' por isso que este estado de cousas no nosso país não tem um limite que se possa prever.

Nos países de padrão de ouro, isto é, nos países onde a moeda não é depreciada, os cambios não podem ter senão pequenas oscilações. O pagamento das compras efectuadas noutro país, em geral é feito por letras de cambio. E' mais cómodo enviar uma cambial do que enviar ouro. Tem menos risco. Mas os países não importam só, exportam tambem, e essas cambias teem o seu mercado, e esse papel é mais ou menos procurado segundo os pagamentos que se teem de fazer no sentido inverso.

Ha porem um limite que se não pode exceder: é o custo do transporte e o premio do seguro do proprio ouro. E' o *gold point* dos inglezes, — o ponto do ouro.

Os nossos cambios encerram em si essa pequena oscilação e conteem mais a depreciação da nota do Banco de Portugal que tem curso forçado. São duas parcelas, a segunda das quaes é importantissima. As reservas metalicas do banco emissor teem uma relação immediata na manutenção ou na depreciação da nota e ha um limite minimo que nunca se deve exceder.

As medidas que tinha proposto para a regularização dos cambios eram: prohibição da exportação do ouro, monopolisação da venda de cambias ao commercio, feita pelo Banco de Portugal ou outra entidade, e emissão de um emprestimo de três milhões de libras, destinado a reforçar as reservas do banco e a constituir um fundo para saques sobre Londres. Esse emprestimo não teria outra applicação (não é de mais a observação).

O emprestimo seria pago quando houvesse melhoria de cambio.

Foi assim que procederam outros países onde a questão cambial não tem a acuidade que tem no nosso.

* * *

Estas medidas podem, é certo, melhorar a situação cambial momentaneamente. Ha porem outras circumstancias que favorecem os cambios.

Quando um país é rico e bem administrado, quando ha confiança, pode haver de momento um maior dese-

quilíbrio entre a importação e a exportação, que embora a sua circulação seja como a nossa, em notas, o cambio pouco se ressentente.

Se as nossas exportações fossem superiores ás importações é claro que o papel português, sendo mais procurado, tinha mais valor e se equilibrava o cambio.

Qual a então a maneira de se augmentar a exportação e diminuir a importação?

Promover por todas as formas a cultura do trigo e de outros generos alimenticios. Nunca houve verdade mais axiomática: *ouro é o que ouro vale!* O consumo do pão diminue á medida que ha outros sucedaneos do pão: — as batatas, o milho, etc. O que é preciso é que o agricultor se sinta protegido para dar todo o incremento á cultura da terra.

Mas o que é preciso para se conseguir esse desideratum?

Em primeiro lugar tranquilidade, a confiança no dia de amanhã. Depois a protecção da pauta e do fisco. O trigo é ouro e o seu preço em relação a uma moeda depreciada tem de ser elevado como o valor do gado ou de qualquer artigo de alimentação. Para que esse preço não suba muito, teem os governos de tratar do que se liga com a produção. A medida, ha tempos adoptada, do transporte gratuito de adubos nas linhas do Estado, que são as que servem principalmente a região cerealifera, é de rigor. Quanta iniciativa se move com um pequeno auxilio, que é menos como resultado que como manifestação de protecção concedida!

Vigia o governo com acurada solicitude o preço dos artigos de primeira necessidade e descure o preço dos adubos permitindo verdadeiras expoliações aos agricultores. E' dez vezes mais importante vigiar o preço dos adubos do que vigiar o preço do trigo. Como é que os agricultores podem produzir barato? Os preços do dia de trabalho do operario teem augmentado; o preço das geiras, ou trabalho de lavoura, idem; e o numero de horas de trabalho tem diminuido. Tudo concorre para o aumento do preço dos generos e o agricultor não pode fazer milagres. Os impostos são sempre crescentes e, como todo o imposto é causa de miseria, esta toma mil formas e reflecte-se inexoravelmente em mil manifestações.

Como baratear a produção do trigo? Barateando qualquer dos factores da sua produção, vista a dificuldade de os baratear todos. Ter o fisco em atenção as terras que o produzem, já é qualquer cousa; procurar-se por meios indirectos que a lavoura sáia barata, é essencial; e visto que o carvão está cada vez mais caro, de grande vantagem seria que se pudessem gastar na agricultura, óleos pesados, kerosina ou petróleo, sem pagamento de direitos. Em se obtendo a geira a 30 centavos em vez de 90 ou de um escudo, já se pode obter tanto trigo quanto se queira.

Ha hoje aparelhos de explosão que fazem, na lavoura, um trabalho admiravel, mas quando comparamos o custo do petróleo na America de um cent. de dolar, com o preço d'este artigo em Portugal, vê-se que este país é condenado a não progredir.

Diferentes industrias que se ligam com a alimentação precisam tambem de força. E' sabido que em diferentes pontos do país se está empregando a lenha

de pinho como combustível. A parte não cultivada do país não se vá supôr que é feracissima e que se poderá cultiva, já não dizemos melhor mas pelo menos como a outra parte cultivada. Longe d'isso! a parte importantissima que está por cultivar em Portugal é a peor. Não obstante pode ser empregada com vantagem na arboricultura e especialmente na silvicultura. Importamos madeiras no valor de milhares de contos que escusavamos de importar, e as lenhas que não servissem para construção podiam fazer marchar as industrias em vez do carvão, uma vez que tivéssemos grandes pinhaes.

Por outro lado precisamos animar as exportações, e o que se podia conseguir n'esse sentido é extraordinario.

Só na provincia do Algarve, que ainda assim não é das que menos concorrem para o nunca atingido equilibrio economico, quanto se podia fazer! Alem das conservas, que essas vão aumentando, a amendoeira podia dar á exportação mais 5 ou 6 vezes do que dá, a alfarrobeira podia dar mais 7 vezes sem fazer pezo nos mercados. A cortiça do país podia ter muito maior desenvolvimento, os gados tambem. As passas, os vinhos licorosos, as uvas frescas, os fructos para a produção dos quaes o nosso país é tão apto, tudo podia concorrer para a sua prosperidade. Isto tudo quer dizer que os cambios não poderão ter um curso, baixo artificial, que a confiança não se impõe, mas que os governos se pensassem mais no fomento do país, as cousas não chegavam ao estado actual, mesmo sob a pressão asfixiante da guerra.

Ainda quando os cambios não andem a par, se o país exporta muitos productos, o inconveniente não é grande por que se por um lado se pagam caros os artigos de importação, por outro os de exportação compensam no elevado preço o custo daqueles, e nesse caso a efusão do cambio é menor e a tendencia é para

o equilibrio; e assim produzindo cada pais aquilo para que, pelo seu solo, pelo seu clima, tem mais facilidades, isto é, seguindo-se a lei das especializações, produz-se mais barato, adquirindo-se de fóra o que é necessario tambem em boas condições. Mas para se aproveitarem bem as trocas de productos com o estrangeiro é indispensavel ter marinha mercante.

Por estas considerações não se quer fazer reviver o sistema mercantil, mas dar-lhe só a importancia que deve ter. Num ano em que tivemos uma grande exportação de vinhos o nosso cambio esteve acima do par. Na Alemanha até se escolhem para exportação os artigos que esgotam menos o solo daquele país. O alcool, o assucar e o amido, são três substancias preferidas. A sua composição é de hidrogénio, oxigénio e carbónio (CHO), corpos estes que nunca faltam na natureza; a exportação daqueles artigos faz-se largamente e quasi toda a sua agricultura progressiva repousa na industrialização dela pela produção destas substancias. Fica-lhes o azote, os saes de potassa e o acido fosfórico que na produção do alcool, assucar e amido se encontram nas *dreches* ou residuos de fabricação, que servem para a alimentação dos animaes que por sua vez produzem estrumes com que se entretem a fertilidade da terra. O assunto é complexo mas desenvolve-se todo no mesmo sentido.

O caminho está indicado, não são as medidas de momento, nem os clamores populares pela falta de pão, que podem resolver de um modo mais estavel o assunto, mas é preciso que os governos enveredem pelo unico caminho que pode conduzir á salvação do país: o fomento á agricultura bem como ao commercio.

(Continúa).

J. FERREIRA NETO.
(Eng. Agronomo)

LITERATURA

AS TUAS CARTAS

*Amor, quando recebo carta tua,
Rasgando o envelope apetecido,
Tenho a impressão que te tiro o vestido
E que tu me appareces toda nua.*

ANTONIO FERRO.

As tuas cartas, são pedacinhos de ti
Que a pouco e pouco vaes metendo no correio
É que eu vou recebendo e vou guardando, aqui
Neste cofre de amor:—Meu coração já cheio...

Por elas passa o Espaço, enquanto andam na mão
Daqueles para quem de nada valem, creio.
—Papeis brancos, postais, cartas que vêm, que vão,
Nessa imensa Babel das malas do correio.

Ao receber porêem a carta ha tanto espr'ada
Sinto que és tu que vens!—Aquela carta é tua...
É a tua alma tambem lá dentro vem fechada!...

Abro a carta... sorrio... Tua alma inda fluctua...
Mas não a posso lêr... Lá dentro não traz nada!
.....
Quem sabe se eras tu aquela carta nua?!

TURISMO

SERÁ pela futura influencia que o turismo venha a exercer na sociedade portugueza que esta se desenvolverá?

Será pela *industrialização* dos predicados com que a natureza o dotou, que Portugal conseguirá erguer-se ao grau de relativa perfectibilidade a que tem jus?

Será?

Breves interrogações que o nosso espirito formula, rapidas apreciações que ousamos deixar perceber neste momento tão critico e tão incerto que assoberba a alma humana.

O Turismo, em nossa fragil suposição, será a *alavanca prodigiosa* que elevará o nosso paiz no conceito mundial; será a *divulgação rápida, célere do nome portuguez*, porque o fará respeitado, engrandecido, e propagará as belezas naturaes que exornam o ainda quasi desconhecido *jardim da Europa á beira-mar plantado*.

A propaganda tenaz, esforçada, energica mesmo, que se intente em demonstrar ao estrangeiro que o paiz de tão gloriosas tradições, revestido de tantas e tão enequivocas provas de lealdade e cavalheirismo, é esse *mimo* de encanto e beleza com que a natureza primou em distingui-lo, será tudo de quanto mais patriotico se realise, de mais audaz e alevantado se consiga.

E' preciso levar para a realização pratica e de efeitos rapidos o que por longos anos tem residido nos volumosos calhamaços arrumados nas bibliotecas ou se tem idealizado em espiritos já hoje bem desiludidos.

Tratar a serio da *cognominada* industria do Turismo será a mais bela obra a realizar.

Aproveitemos, pois, os *dons* com que a natureza nos fadou e teremos ascendido a um grau bem elevado no conjunto mundial. Saibamos corresponder á gentileza da natura, não sejamos ingratos. Proclamemos ao mundo culto que em Portugal ha uma Cintra, esse paraizo de idealização, amor e misticismo, que os gloriosos vates Camões e Lord Byron tão dignamente cantaram!

Mostremos ao estrangeiro, sempre avido de beleza, de conforto e sensação, este formoso torrão que poderá ser moral e materialmente aproveitado no sentido de reverter para a sua economia um melhor e mais desafogado exercicio.

Saibamos desenrolar perante ele, essa faixa bela e encantadora que se intitula o *nosso litoral* e que, desde Caminha a Vila Real de Santo Antonio contem tanto de puro, de grandioso e poetico, que, nas bifurcações graciosas e magestáticas das suas verdejantes costas, é auxiliada

ainda pelas águas aniladas e inegalaveis do belo e imponente oceano Atlantico.

E no seu vistoso panorama, quando no decorrer vago de mareante, quantas dunas enormes e refulgentes nos extasiam a vista; quantas barras de fauces escancarados nos empolgam a admiração com o seu constante desaguar de enumeros rios; quantas praias que cuidadas com esmero, accio e comodidade e elevadas a um verdadeiro grau de mundanismo e conforto, seriam dignas rivaes de Biarritz e San Sebastian! Depois, a engrinaldar todo este aspecto deslumbrante duma terra bem favorecida pelo destino, a apresentação magnifica dos nossos tipos regionaes a revelarem toda a alma pura e grandiosa dum povo tantas vezes heroico!

E as nossas matas, de onde emerge a do Bussaco, as nossas serras bem cuidadas, zelosamente arborisadas, impregnados desse ar puro e reconfortavel que faz aspirar saude a largos austos,—tudo enfim que fosse necessario estabelecer para chamar a Portugal avalanches de *touristes* que certamente entre nós se sentiriam á vontade e que sem usura deixariam o dinheiro, meio mais que precioso para o desenvolvimento da vida nacional.

Estradas amplas e bem construidas, uma larga e embelesada rede ferro-viaria, que comunicasse entre si com todos os centros de comercio e industria, de vida activa e laboriosa dum povo, enfim, meios faceis e rapidos de comunicação.

Dotar depois esses centros de toda a comodidade e luxo exigidos: caprichosos hotéis, atraentes cafés, convidativos restaurants, acrescentado com meios bastantes de diversão, de goso, como teatros, circos, animatografos e jogos desportivos; e o *tourist* percorreria o territorio lusitano sem se sentir fatigado, sem revelar o menor gesto de enfado, sem se julgar arrependido de ter intentado semelhante digressão. Ele então veria tudo quanto um povo tinha realizado no sentido de fazer realçar ainda mais o que a natureza lhe concedeu. Havia de admirar as ótimas qualidades duma raça proba, sensata e empreendedora, que na divulgação do nome glorioso da sua patria só obedecia a duas cousas: mnita lisura e bastante honestidade.

Como seria para nós grato, que esta visão, este sonho que nos exulta fosse a realidade incontestavel dos factos, a pureza absoluta e irrefragavel do que almejamos!

Cezimbra, Setembro de 1915.

EPIFANIO MACEDO SARAIVA.

LETRAS E ARTES



(Desenho de *A. Condeça*)

Mendigos

a D. Alice Moderno

Mendigos a pedir, de casa em casa, orando,
Os lábios a rezar e a mão sempre estendida:
—Ha gente, muita gente (o que é a triste vida!)
Que nunca se condece quando vos vê chorando!

Que importa a nossa dôr, que anda a chorar perdida,
Aos que passam a rir, ao pé de nós, cantando?
A nossa eterna dôr—destino miserando!
Ha de ser pelo mundo a eterna incompreendida!

Na vossa enganadora e santa ingenuidade,
Que somente pertence ao triste, ao infeliz,
Julgaes, ó almas sãs, que essa gente é feliz...

—Pois não sabeis ainda a oculta anciedade
Dos que passam a rir e sem saber chorar,
Sem conhecer a dôr, sem a poder amar!

(Do livro—*Canções do Amor e da Terra*)

A sair do prelo

José Rebelo.



BERNARDO DE PASSOS
(Poeta Algarvio)

A janela de Joaquina

Meu Val' de Santarem todo florido
de rouxinoes cantando entre verduras,
(cantos são flores para o nosso ouvido...)

Meu val' de fontes d'ouro, onde murmuras,
cheiroso á malvarosa dos valados,
teus prantos de cristal e canções puras;

D'aquí evóco os teus divinos prados,
verdes como esses olhos de Joaquina,
que os olhos deixou neles encantados...

D'aquí, de longe, eu sonho a janelinha
onde ela ia seismar, sem um cuidado,
ouvindo os rouxinoes pela tardinha...

...Aqueles rouxinoes que tão lembrado
fazem o rouxinol de Bernardim,
o que caiu sobre a água, de caçado!

E neste enlevo d'alma, eu sinto em mim
não sei que suavissima doçura,
lembrando-a ali sentada, e linda assim...

Linda assim, longe d'essa desventura
que a fez, tempo depois, morrer de amor,
e encheu seu verde olhar de noite escura...

D'aquí me ponho a ver-te, ó val' em flor,
(doirado da saudade d'esse olhar...)
por um sol-posto triste e sonhador!

Teus rouxinoes deixaram de cantar...
Carpem agora nesse sitio amado
onde Joaquina já não vem seismar!

Mas, ó misterio lindo do passado!
A' janelinha antiga, que esmaece,
de novo assoma em flor seu vulto alado...

E' Ela, a doce Morta, que aparece
(milagre da Saudade!) e ahí pousando,
revive aquelle Amor que nunca esquece . . .

(Amor tão virginal, e etéreo, e brando,
que se era d'esta vida ingrata e breve,
já no seu vôo o Ceo ia buscando!)

Seu cabelo castanho, ondeando leve,
cae-lhe em aneis de luz, de astral efeito,
pela frente, que sustem na mão de neve . . .

E, visão, Ela seisma! Arfa-lhe o peito . . .
E como outr'ora, os rouxinoes já cantam
neste sol-posto dúlcido e perfeito!

E os cravos refloreecem, e o ar encantam . . .
De nova luz as ruinas se animaram,
— flores que d'um sepúlculo se levantam!

E o seu nome, que os écos murmuráram
em ais, (enquanto em pranto o não diziam . . .)
cantam-no os écos, como então cantaram . . .

Repetem-no cles, como repetiam . . .
Em tudo a Morta vive no Presente,
como quando os seus sonhos floreciam!

Anda impregnado o val' da linda Ausente,
como de aroma, a rosa verginal,
e de tristesa e gloria, o sol-poente . . .

Ah! tudo a vive e sonha neste val',—
belo assim mais que quantos o sol doura
nesta terra de amor que é Portugal!

E a janelinha triste que Ela enflora?
Clarão crepuscular de morta estrela,
éco d'um beijo, sombra d'uma aurora:

Vêdes, amigos meus, essa janela
que o musgo abraça e um sonho iluminou?
Erma, e tão cheia d'essa imagem bela,
é como o coração de quem amou . . .

(Inédito)

Bernardo de Lasso.



CRONICA

Fez ha dias dōze anos que amigos dedicados do Eça de Queiroz resolveram prestar-lhe um testemunho ultimo da sua admiração, resuscitando, ali no Largo do Quintela, em bem tallado marmore, a figura imortal do grande realista.

Em breve fará anos que se delinêam projectos e abrem subscrições para a erecção de uma estatua a Camilo, de uma estatua a João de Deus, e não sabemos a quem mais...

*

A maior perda literaria dos ultimos tempos foi, sem duvida, Ramalho Ortigão.

Quem folhear com interesse o *Culto da Arte em Portugal*, *O Misterio da Estrada de Cintra*, *A Holanda*, *John Bull* e *As Farpas*, terá uma expressão bem significativa para repelir com enjôo a exteriorisação de certos criticos...

Julio Dantas, que é inegavelmente uma das maiores figuras da literatura moderna, encontra em Ramalho Ortigão «o homem que com Eça, Camilo e Fialho, mais contribuiu para renovar, para desarticular, para ductilisar a prosa portugueza, arejando-a, creando-lhe ritmos novos, dando á linguagem ainda pesada, ainda lenta de Garrett, fluidez, transparencia, movimento, energia e graça». E aponta-o como o escritor que melhor soube manter, em Portugal, a coragem do seu tipo, a coragem da sua individualidade, a coragem da sua independencia, a coragem das suas opiniões.

E' talvez por isso que lhe abocanham a obra...

Como aditamento a esta nota é mistér registrar mais duas perdas importantissimas: — José Pereira de Sampaio (Bruno), do Porto, e Ataíde Oliveira, benemérito Algarvio.

Como Ramalho, sem ofensa a alguns colegas sobreviventes... mas tambem sem confusões, eram dois dignos membros da *Academia das Sciencias*.

*

Em Portugal vive-se de muita coisa. De fazer sapatos e de rabiscar leis. Mas como a erudição legistica de certos guindados não nasce logo aclimatada á esfera das nossas exigencias, succede que o remedio, a maioria das vezes, vem peorar o dente...

*

Na Universidade de Lisboa solénison-se este ano, com verdadeira pompa, a abertura das aulas...

Foi uma maneira decente de festejar a *mor-tandade* do ano findo...

*

Dizem que a civilisação é incompativel com o recinto interior dos muros de um quartel...

Não discutimos. Onde, porém, a autoridade se exercer apenas sob o dominio da graduação, assim deverá ser sempre.

*

Ha autoridades que devemos explorar para ver até que ponto chegam as suas *fosforencias*...

Geralmente á compreensão da sua incompetencia moral.

*

A quantos afirmam não ver concretisações que recomendem a iniciativa do Congresso Regional do Algarve, permitimo-nos considerá-los *miopes* espectadores...

Então a recente congregação municipalista do Alentejo, e todo esse acordar de iniciativas que fazem já o entusiasmo da nossa revivescencia não obdecem a qualquer acção?

Ufane-se o Algarve de ter iniciado a nova era e euidemos todos da efectivação do que na Rocha se propoz, que já não será pouco.

*

José Dias Sancho é um novo que até alguns velhos já admiram... se bem que isto de cair na graça dos velhos nem sempre revele grandes promessas... Comtudo o moço promete. Agora vae publicar um livrinho de versos em que de certo se assinalará.

E eis como aos 17 anos se póde já aspirar a que a Literatura fale um dia de nós.

*

A. Bustoff, um novo de muito talento e já bastante consagração nas letras do paiz, entra hoje para a direcção da *Alma Nova* com todo o entusiasmo e vontade de trabalhar em pró da execução do nosso programa.

Rejubila-nos tão franca anuencia a um convite despretenciosa e perguntamo-nos:

Que significará semelhante conquista, nestes tempos em que ser patriota, mostrar zelo pelas vantagens materiaes de que país precisa é sinónimo tão irreverente quão pouco estimulativa?

Significa que ha ainda creaturas tão acima da craveira dos imbecis, tão conscientes do seu papel na sociedade, que nem prestam ouvidos ás abjecções dos que andam cá por baixo...

MATEUS MORENO.

Poetas e escritores na intimidade

Eça de Queiroz revelado por uma illustre senhora de sua familia



Brève, muito brevemente mesmo, no proximo numero da *Alma Nova*, honraremos estas colunas com a colaboração da Ex.^{ma} Senhora D. Conceição d'Eça de Mello, intima amiga do grande realista, espirito lucidissimo e escritora de largos dotes que a critica já assinalou.

Na carta em que acéde ás instancias por nós feitas revela-se a sua grande alma e o seu superior talento. Lê-la, percorreremos as poucas mas elegantes linhas dessa descuidada prósa,

é convencêrmo-nos de que as paginas familiares do que é uma das maiores figuras da literatura nacional teem, finalmente, quem as descreva com propriedade.

Felicitando por isso todos os leitores da *Alma Nova*, todos os eruditos, todos os simples estudiosos, não resistimos á tentação de publicar aqui essa expressiva carta, reunindo-a aos nossos mais sincêros e mais calorosos agradecimentos:

Meu caro Sr. Bustorff

Deu-me prazer a sua carta. Sinto-o sempre quando recebo noticias das pessoas por quem tenho estima. Tudo quanto me diz do Eça de Queiroz me foi direito ao coração e é com enternecida simpatia que lh'o agradeço.

Primos co-irmãos, criados quasi juntos, votava uma sincera amizade áquele formoso espirito aliado a um tão grande coração.

Se me pedisse um artigo de critica literaria á sua obra, hesitaria em tomar um encargo de tanta responsabilidade, e lembrar-lhe-ia que, qualquer de V. Ex.^{as} o faria com bem maior proficiencia, mas do Eça de Queiroz intimo e affectivo, do romancista na sua vida de familia, dêsse, ousou falar desassombadamente, porque poucos serào os que tão bem o conhecessem, e raros, muito raros, os que tanto do coração lhe quizessem.

Aceito, pois, e com reconhecimento, para colaborar na revista Alma Nova.

Creia-me sempre etc.

C. D'EÇA DE MELLO.

ATRAVEZ DO ALGARVE



Da esquerda para a direita: Dr. Carrasco Guerra, vogal do Cong. Reg. Algarvio e esforçado organisador das festas do mesmo, na Praia da Rocha; engenheiro Aboim Inglez, vogal do Cong. e relator da Tese «O Ensino Industrial»; o formoso «Pavilhão Mourisco» do Sr. Magalhães Barros; Dr. Antonio Cabreira, dedicado Congressista e ilustre membro da Com. Organ. do Cong.; Luiz Mascarenhas, director d'*O Algarve* e relator da tese «Industrias do Algarve» (Vidé proximo numero).

O CONGRESSO REGIONAL ALGARVIO

Não tem faltado quem, de tudo descrente, haja dito e escrito que o Congresso Regional do Algarve redundou inutil nos seus efeitos. A verdade é que esse tentamen, balbuciante em-

mais ou menos estreitamente se sentem ligados por accidentes variaveis da vida. Todo o homem culto a quem foi dado assistir a esse Congresso teve a clara comprehensão de que não podia re-



FARO — A formosa capital algarvia, onde se realizará o futuro Congresso de 1918
(Cliché da importante Casa de Postas Eduardo Serafim, Faro)

bora, como tudo que representa um inicio, logrou impressionar agradavelmente não só a alma algarvia, mas ainda muitos portuguezes que, nascidos fora do Algarve, a esta provincia

sultar estéril esforço envidado pelos promotores daquela magna e selecta assembléa.

Problemas económicos que essencialmente interessam á vida colectiva do povo algarvio

lá foram postos em nitida equação e debatidos por quem para os analisar e resolver tinha perfeita competencia. A agricultura, a industria, o commercio, a navegação, os transportes terrestres e marítimos, a hygiene, a beneficencia, a historia, a arte, as lendas e as tradições do *folk-lore* do Algarve — tudo ali teve o seu eco e, conquanto tratados em resumidas teses, todas essas variadas questões prenderam o espirito da numerosa assistencia que em cinco dias successivos assidua e zelosamente discutiu esses momentosos assumtos, que são na essencia as manifestações da actividade material e animica de um povo que, apesar de quasi desprezado pelos poderes centraes da nação, todavia, ou por uso mesmo, atravez da



Avenida das Palmeiras — Jardim da Alameda — FARO — (Cliché de M. M. M.)



Monumento a Ferreira d'Almeida — FARO
(Cliché de Francisco S. Padinha)

historia tem sabido manter intacta a sua irreductivel e caracteristica individualidade.

Ao Algarve, tão desconhecido ainda da maioria das portuguezes, fica pertencendo esta gloria de haver sido a provincia que se abalançou a empreender e levar a cabo o primeiro Con-

gresso Regional até hoje realizado em Portugal.

Está dado o exemplo: em breve outras regiões, não menos caracteristicamente individualizadas, saberão tambem formular concretamente os problemas economicos que mais de perto lhes dizem respeito e, uma vez discutidos e resolvidos em conclusões claras e de immediata applicação, restará apenas submeter estas ultimas á consideração de quem as possa converter em realidade, quer por meio de leis a promulgar, quer por meio de operações praticas a executar.

Se, umas após outras, as diversas regiões do país se abalaçarem assim a estudar a sua economia, procurando melhora-la na medida consentania com as possibilidades, de esperar é que, num futuro não remoto, a civilisação de Portugal terá progredido tanto, que a nossa alma épica, inatamente patriotica, sentirá então com toda a intensidade o nobre orgulho de ser portugueza, e, alcançando esse *desideratum*, a nação saberá ser grata áquela das suas provincias que teve a intelligente iniciativa de abrir o caminho por onde se logrou chegar a tão glorioso termo. E' ligitima essa aspiração; o contrario seria descrer dos destinos e perfectibilidade da nossa raça.

J. PAULA NOGUEIRA.

(Professor da Escola Veterinaria de Lisboa)

O 1.º DE DEZEMBRO DE 1640 E A ACADEMIA DE FARO

HA uma tão íntima ligação entre a Academia de Faro e a data por tantos títulos histórica da libertação de Portugal de sob o jugo castelhano, uma série de princípios tão superiormente evocadores de seus passados brios, que seria ela faltar a um dos mais augustos deveres o consentir que passasse o dia 1.º de Dezembro sem repetir com o mesmo entusiasmo de todos os anos as vibrações alevantadas dos seus corações patrióticos.



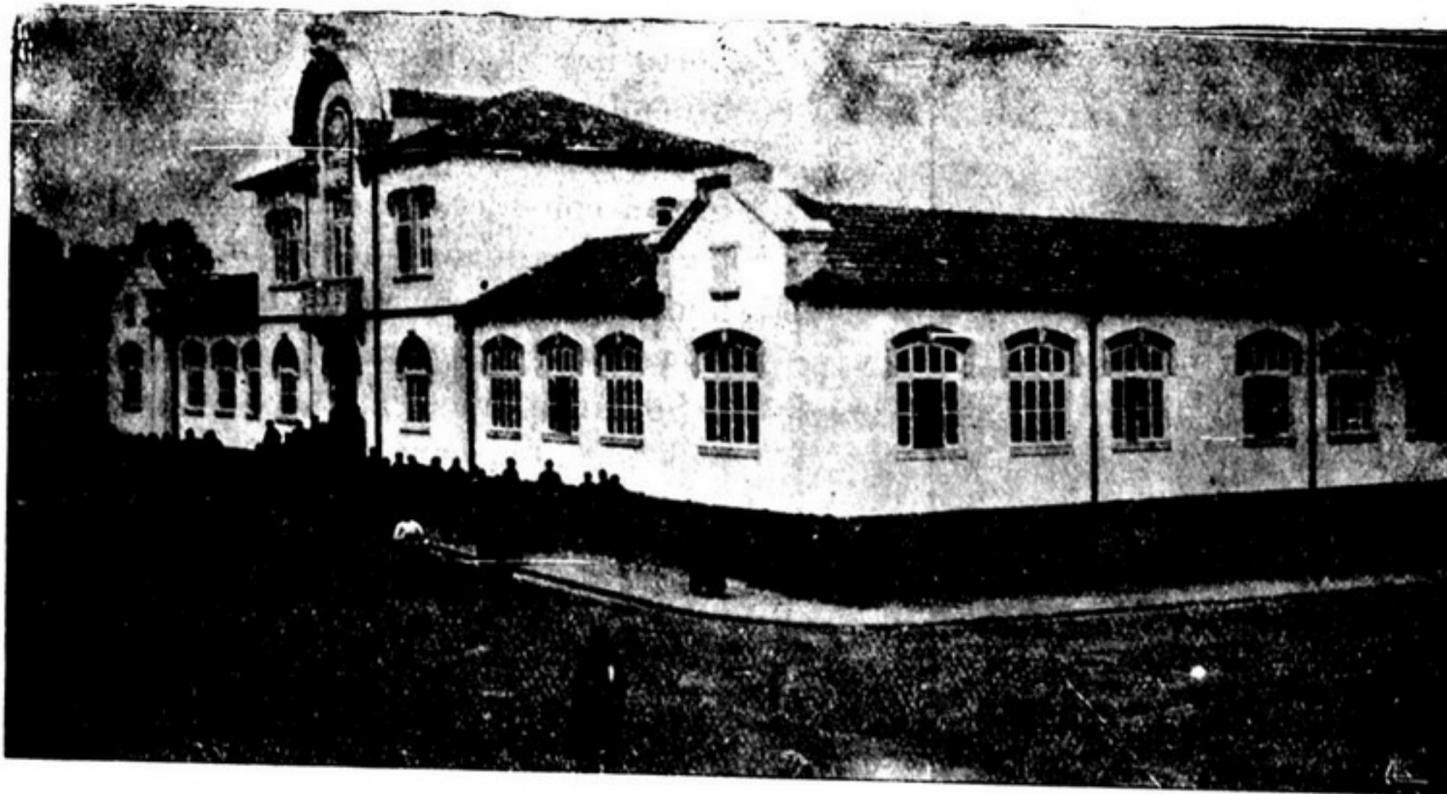
José Dias Sancho
(Presidente da Academia do Liceu
Central João de Deus - Faro)

Comemoração tornada habito, habito convertido em dever, essa festa, a comemoração dessa *Obra estupenda e maravilhosa*, como lhe chamou Fr. Fortunato de S. Boaventura, faz parte tão integrante da Aca-

demico Fareense o dia 1.º de Dezembro. As ruas da cidade acordam ao som dos foguetes e hinos patrióticos; os estudantes, cabeleiras revoltas, teem acentos marciais na voz aclamadora; todas as cabeças agitam as suas melenas aos écos do entusiasmo; as capas erguem-se — e no estouvinhamento joven das aclamações sinceras, novos e velhos, madamas e donzelas, sentindo-se rejuvenescer e amar, derramam dos seus luzentes balcões, onde os damascos e as sedas brillam

festivamente, cascatas de flores sobre as mãos jovens que se esgarçam com luvas estreadas...

E isto é já um mito, um simbolo, uma obrigação...



LICEU CENTRAL JOÃO DE DEUS — FARO

demia de Faro que o deixar de realiza-la um dia seria extinguir o ultimo faohe de al-tivez que ainda a liga aos seus brios passados e de tão nobres recordações.

E é, sem duvida, um dos dias mais queridos e mais simpáticos de todo o anno aca-

A mocidade de Faro, não esquecendo este dia glorioso, cumpre o seu dever, honra as suas brillantes tradições e proclama a sua indelével fé patriótica.

Viva a Academia Fareense!

Gloria aos heroes de 1640!



Portugal — ALGARVE — Ribeira de Paderne (Moinho das Canas)
(Cliché de Af. Teixeira)

Como eu sonho o Algarve

A Bernardo de Passos

Vejo-te em sonho, Algarve! e nunca vi
Tua paisagem de volúpia e alma!
Oíço-te em sonho a voz antiga e calma,
A tua voz que embala e eu nunca ouvi!

Floriu meu velho sangue em terra tua:
Terra que o céu mais lindo beija e n'ouro,
Terra onde o mar — poeta imorredoiro —
Em murmurios de lenda se insinúa.

Algarve perfumado de amendoeiras,
A tua luz, o teu aroma e cor
Palpitam no meu 'spírito de amor!

Mas possa um dia, em horas prazenteiras,
O meu ancioso olhar beijar e vêr
A luz que no meu verso ha-de morrer . . .

MARIO PACHECO.

FOLK-LORE ALGARVIO

I

A MOURA ENCANTADA DE SILVES

Vamos escrever a lenda da moura encantada da cidade de Silves, dessa famosa cidade que no tempo em que taes lendas começaram a correr era opulentissima, muito mais forte e dez vezes mais rica e com edificios mais sumptuosos do que Lisboa.

Querem alguns geógrafos que Silves fosse fundada pelos Finícios, antes da vinda dos Cartaginezes á nossa península; sendo assim foi Silves fundada 900 anos antes de Cristo. Outros escrevem fosse fundada pelos *Curetes*; porém Fr. Vicente Salgado nas suas *Memorias do Reino do Algarve* sustentou que os *Curetes* nunca vieram ao Algarve e que os fundadores de Silves tinham sido os *Finícios*.

Quando os cruzadas vieram auxiliar D. Sancho I na conquista da cidade de Silves era esta cidade a mais forte da península e a que maior dano causava aos soldados cristãos. Pela importancia dos seus centros, chegou Silves a gozar de um conceito tão subido que para qualquer cavalheiro conseguir a entrada numa sala publica, escola ou reunião importante, bastava declinar o seu nome e dizer-se natural de Silves.

Com a conquista do Algarve no tempo de D. Afonso III começaram a correr na nossa encantadora provincia as lendas de mouras encantadas. E' que a conquista constituiu uma lenda admiravel e brilhante. Foi pasmosa a celeridade com que o nosso soldado realizou essa conquista. A' maneira das grandes correntes que descem em catadupas das altas montanhas e se precipitam no fundo dos barrancos, derrubando e destruindo os mais fortes diques e os mais poderosos castelos, obrigando os sarracenos a largar num momento a sua posse de cinco seculos inteiros, assim em um momento foram como que aniquilados os mouros e substituidos pelos descendentes dos godos.

Sendo impossivel que esse desaparecimento se fizesse efectivamente em tão curto praso, somos forçados a crer que a maior parte se viu obrigada a esconder-se nas cavernas, onde então mais se vivia de noite do que de dia. Casamentos houve que se pactuavam ou se anulavam nas cavernas. Por isso nos nossos *contos* não poucas vezes se figuravam vozes de crianças e choros de jovens nos desertos, alta noite, causando susto aos que de noite viajavam. Daqui resultaram os chamados encantamentos de que rezam todas as nossas lendas algarvias.

Escreveu um algarvio: «a crença nas mouras encantadas data principalmente do século XIII, logo depois da conquista do Algarve; e as lendas das mouras encantadas trazem d'ahi a sua origem. Até esse tempo sómente figurava no espirito do nosso povo alguma lenda maravilhosa das célebres fadas.»

As noites de S. João no Algarve simbolizam uma verdadeira religião tradicional, cuja crença se conservad e séculos. Convenço-me de que de longa data tem sido festejadas a noite de S. João. Os mouros igualmente a festejavam, e é por isso que a maior parte das lendas tem nessa noite o seu desenlace.

Na cidade de Silves, á hora fatidica da meia noite — escreve o auctor do *Romanceiro do Algarve* — é crença popular, transmitida de séculos, que um gentil moura atravessa em seu barco de marfim e ébano as águas da cisterna, assim como á mesma hora, no antigo castelo de Tavira, outra musulmana aparece sobre o terraço superior do castelo, vestida de alvas roupagens, magestosa e bela como a alvorada desse dia. A infeliz moura de Silves, á claridade da luz, coada pela boca da cisterna, então cantares de uma atraente singeleza ao som dos remos de prata a chapejar sobre as ágoas de cristal.

A cisterna de que a lenda nos fala é muito funda e está construida com solidez e primor. A sua abobada, no dizer de um benemerito algarvio, está sustentada por quatro ordens de colunas que formam outros tantos arcos, compreendendo cinco naves. Recebe a ágoa que cae no ambito da abobada pela parte exterior, e em tal abundancia que ali se conserva todo o verão.

Que estrofes de bela poesia não entoará no fundo da cisterna a bela e infeliz moura! Que segredos de antigos amores não balbuciarão os seus labios empalidecidos!...

De Silves reza a «Biblioteca Hespanica» verdadeiras maravilhas. Insignes poetas mouros dedilharam ao som do seu arrabil versos de uma bellissima inspiração. Poetaram em Silves, e á maravilha, os insignes Abdel malekus Ben-Abdallah, Ahmar Ben Casa, Abn-Baken Ben-Sokane e Abdul-nalid Ismael. Qual destes seria o preferido da moura gentil?!... Conserva-se ali ainda hoje a linda moura, não obstante a camara ter tomado conta dos antigos aposentos da infeliz; e, segundo nos informam, ainda hoje

quem quizer passar por entendido em assuntos de bruxedo tem de visitar três vezes por ano a moura na sua cisterna.

* * *

Entrou em certo dia em casa do carcereiro de Silves uma mulher que perguntou pelo carcereiro.

— Não está em casa, mas está o filho que faz as suas vezes, — respondeu alguém.

— Desejava estar com o filho.

— Olhe; ele ahí vem.

A mulher encaminhou-se para o filho e pediu-lhe que a acompanhasse até á cisterna.

— Não vou, respondeu secamente.

— Tens medo?

— Nunca tive medo; mas não gosto de me meter em negocios de mulheres. Quando, de noite, encontro dois homens, saio-lhes á frente e digo: — «Deus vos salve, camaradas». Se, porém, encontro uma mulher, desvio-me dela sorrateiramente e digo comigo: — «A onde irá esta barcaça alijar o costado?». E desta mulher não fico fazendo bom juizo.

A mulher não gostou desta resposta, mas saiu imediatamente, sem fazer a mais insignificante observação.

Antigamente as lendas achavam-se mais desenvolvidas e contavam em si maior numero de incidentes, que não teem resistido ao tempo.

Diz-se que por ocasião da segunda conquista de Silves, no tempo de D. Paio Peres Corrêa, não podendo Ibn-Maffot ou Aben-Afan, entrar na cidade, dera de esporas em seu cavalo, indo ambos morrer afogados no *Pego do Pulo*. O nosso Garrett utilisou esta lenda para o seu notavel poema *D. Branca*, belo poema na verdade, mas falso, pois que o rei não morreu afogado, como está hoje solidamente demonstrado. Ibn-Maffot, que se diz ter morrido afogado no Pego, figura ainda muito depois como rei de Niebla e de Gharb, e é ele que faz cedencia do Algarve a D. Afonso X depois da rendição de Niebla, muito posterior á tal lenda, ficando este rei contado entre o numero dos ricos-homens da monarquia castelhana.

Havia lendas em muitos sitios da freguezia de Silves hoje completamente esquecidas ou apagadas.

(Continúa).

Posthumo

ATAÍDE OLIVEIRA.

(Da Academia de Sciencias.)

BIBLIOGRAFIA

Noções de Proccesso Penal, acompanhadas de um formulario e legislação penal, pelo dr. João Pedro de Sousa, advogado e deputado da nação.

Este distincto politico e parlamentar português, acaba de demonstrar a intelligencia e erudição que o ornou publicando o trabalho cujo titulo principia esta noticia.

Indispensavel a todos os que mais ou menos intensamente teem relações com o fóro, o livro recomenda-se pela superioridade de indicações e conhecimentos que fornece ao longo da sua leitura e pela auctoridade do nome que o assina.

Todos os capitulos referentes ao Proccesso Penal encontram nele completa discussão e inteiro estudo numa linguagem corrente, simples e facilmente assimilavel.

Felicitemos, pois, por tudo isto, o seu auctor, agradecendo-lhe o exemplar oferecido.

Qualquer encomenda deve ser dirigida ao proprio, Avenida Almirante Reis, 92, 1.º D., e o custo é de 1 escudo.

“O Herald”

Reapareceu tambem este colega de Faro, muito melhorado e sob a direcção exclusiva do nosso presado camarada de redacção, Lyster Franco, artista na pena e no lapis, dos mais distintos que tem o Algarve.

Outras publicações recebidas

Do sr. A. C. Santos, de Lagos, uma bonita coleção de postaes, com vistas da localidade.

Do «Jornal Illustrado» — Lisboa, os n.ºs de 1 a 3.

Do sr. Manuel Ferreira David, um folheto de versos com o titulo *Trevo de quatro folhas*.

A todos muitos agradecimentos.

*

Das restantes obras recebidas se fará a apreciação no proximo numero.

Do Congresso Regional Algarvio

A Commissão Executiva deste Congresso, em conformidade com o exarado no seu Regulamento e com o voto expresso na cessão de encerramento, continúa em exercicio, reunindo-se de 15 em 15 dias (ás 6.ªs feiras), na *Sociedade Propaganda de Portugal*, procurando agora, juntamente com esta benemerita instituição, pôr em prática as resoluções tomadas no Congresso referido, devendo dar conta dos seus trabalhos (no futuro Congresso de 1918, a realizar em Faro.

NOTAS

“No Minho e no Algarve”

Com este titulo dedica-nos a interessante revista *A Povoá de Varzim*, publicação genuinamente patriótica e de intensa propaganda ás belezas da praia do mesmo nome, alguns reparos a que não podemos deixar de fazer justiça, empenhados como estamos no estreitamento das nossas relações com todos os cantinhos da terra portugueza, e condoídos tambem pelo menos apreço de muitos para com os nossos esforços. Nunca, porém, na apologia do nosso muito patriotismo tentámos ser menos correctos para com o sr. A. Landolt, dignissimo director de tão apreciado colega, nem para com o Minho, regio de tantos encantos e de tão formosas tradições que será bem degenerado portuguez o que a não souber amar.

Mas parecendo, contudo, não ser a *Alma Nova* «revista unica no género em Portugal», actualmente permitimo-nos a liberdade de affirmar-lo, e oxalá que para gloria do nosso patriotismo e bem da patria ela possa continuar a sê-lo, nunca esquecendo, certamente, aquela ca-

maradagem digna que entre propugnadores do mesmo ideal é sempre mistér.

“Alma Algarvia”

Transformado em uma interessante revista politica, literaria, artistica e de *inquérito á vida do Algarve*, reapareceu este nosso presado colega de Silves, a que uma orientação digna de todos os ilogios e incitamentos tem assinalada já a mais ampla e proveitosa existencia.

O ultimo numero publica o retrato do nosso director Mateus Moreno e dedica-lhe palavras que não podemos deixar de agradecer com profundo reconhecimento.

Ataide de Oliveira

Já composta toda a revista recebemos de Loulé a triste noticia da morte deste nosso querido colaborador e benemerito algarvio.

Por nos ser, pois, impossivel sintetisar já neste numero todas as palavras de saudade que os nossos corações de amigos e de grandes admiradores lhe devem, reservamos para o proximo essa missão, esperando então prestarmos-lhe a homenagem de que é digno o homem e o escritor.

A' enlutada familia o nosso cartão de pezames.

PELOS TEATROS

No proximo numero iniciaremos esta secção, que vaé ser confiada a um dos mais reputados criticos teatraes da actualidade.

Para Sua Ex.^a, a *Alma Nova*, pondo as suas colunas á disposição das emprezas, aguarda destas aquela deferencia e franca gentileza com que sempre tem sabido acolher a imprensa.

Actualmente encontram-se em scena as seguintes peças:

Nacional — *D. Perpetua que Deus haja*, comédia de Chagas Roquete.

Trindade — *Odiadejuizo*, revista de Sewalbach, peça que adquiriu grande celebridade e que passa por ser um dos mais notaveis trabalhos de revista do distinto escritor.

Politiana — *A Martyr*, drama de D'Emery e Tarbé, de um entrecho muito comovente.

Eden — *Dominó*, revista dos mesmos autores d'*O 31* e um dos maiores sucessos da época de inverno.

Ginasio — *Sóror Mariana*, soberbo acto de

Julio Dantas, e *La donna é mobile*, interessante comédia americana. Em ensaios *O primo Basilio*, adaptação do romance de Eça de Queiroz.

Apolo — Revista *Fado e Marixe*.

Rua dos Condes — Revista *Quadros Vivos*.

Moderno — *O Collar da Princeza*.

Coliseu dos Recreios — Companhia de circo.

Cines, Concertos e Variedades

Paradis — Films e Variedades;

Chiado Terrasse — Cine-Concerto;

Olimpia — Matinéas, lindas fitas e concerto.

Trindade — Matinéas aos domingos, cine-concerto.

Foz — Variedades e bons films.

Central — Films deslumbrantes e concerto.

Chantecler — Fitas faladas.

Circo de Faro — O mais esplendido cinema do Algarve. Lindas fitas e belo sexteto.

IMPORTANTE

A todas as pessoas a quem hoje pela primeira vez enviarmos a ALMA NOVA, rogamos a gentileza de no-la devolver no prazo de 10 dias, caso não queiram auxiliar o nosso empreendimento com a sua assinatura.

Vamos remeter os recibos de cobrança aos antigos assinantes.